

Do colonialismo à autonarrativa

A concepção de um museu pelo povo Memortumré-Canela

From colonialism to self-narrative: the conception of a museum by the Memortumré-Canela people

Recebido em: 31/10/2024

Aprovado em: 09/06/2025

Luiz Felipe Sousa Curvo

Maria Luíza Lucas dos Santos

[Sobre os autores >>](#)

RESUMO

Por muito tempo, os museus representaram as culturas indígenas de forma estereotipada, tratando-as como exóticas e estáticas. Contudo, com o fortalecimento das lutas por autonomia e autoafirmação étnica, os povos indígenas vêm ressignificando os museus como espaços de protagonismo e autonarrativas. Com base em considerações sobre os museus indígenas, este artigo apresenta um caso particular de concepção de um museu em curso, proposto pelo povo Memortumré-Canela (também conhecido como Ramkokamekrá-Canela), localizado no Maranhão. Para tanto, utilizam-se informações bibliográficas, dados etnográficos e uma entrevista centrada nas experiências e anseios de Oziel Irongukrê Canela, liderança indígena, que ressalta a importância da preservação dos objetos de sua comunidade. A discussão se insere no campo interdisciplinar entre Antropologia e Museologia Social, refletindo sobre os processos simbólicos de indigenização dos museus e suas implicações na construção de memórias coletivas.

Palavras-chave: Museus indígenas; museologia indígena; entrevista etnográfica; Memortumré-Canela; Ramkokamekrá-Canela.

ABSTRACT

For a long time, museums have represented Indigenous cultures in a stereotypical way, portraying them as exotic and static. However, with the strengthening of struggles for autonomy and ethnic self-affirmation, Indigenous peoples have been reinterpreting museums as spaces of protagonism and self-narration. Based on reflections on Indigenous museums, this article presents a particular case of a museum currently being conceived by the Memortumré-Canela people (also known as Ramkokamekrá-Canela), located in the state of Maranhão, Brazil. To this end, bibliographic sources, ethnographic data, and an interview focused on the experiences and aspirations of Oziel Irongukrê Canela — an Indigenous leader — are used, in which he emphasizes the importance of preserving the ceremonial objects of his community. The discussion is situated within the interdisciplinary field between Anthropology and Social Museology, reflecting on the symbolic processes of museum indigenization and their implications for the construction of collective memories.

Keywords: Indigenous museums; indigenous museology; ethnographic interview; Memortumré-Canela; Ramkokamekrá-Canela.



Introdução

A questão da apropriação e da tradução de museus pelos povos indígenas tem sido objeto de significativas reflexões teóricas de natureza interdisciplinar, especialmente evidentes nas pesquisas em Antropologia e Museologia Social. Essas análises problematizam o complexo processo simbólico de indigenização dos museus, destacando a necessidade de compreender as dinâmicas socioculturais envolvidas. A importância das iniciativas de povos indígenas na formação de museus comunitários e redes de apoio fundamenta-se na perspectiva de superação das distorções causadas pelos processos de subjugação a que esses povos foram submetidos ao longo do período colonial. A criação de museus por indígenas insere-se na reivindicação desses povos por autonomia na gestão de seus patrimônios históricos e culturais, a partir de uma consciência étnica da perda da memória social e da busca por respeito às suas práticas ancestrais e à sua visão de mundo, interpretando e reinterpretando, assim, sua própria história. Buscando a decolonialidade dos saberes e dos conhecimentos, os museus indígenas configuram-se como espaços coletivos de informação, educação e memória, que visam reforçar o vínculo cultural das novas gerações com suas heranças ancestrais.

Com base em considerações sobre os museus indígenas, este artigo busca apresentar um caso particular de concepção de um museu em curso. Para tanto, utilizaremos, além de informações bibliográficas, dados etnográficos produzidos em campo e uma entrevista centrada nas experiências e anseios de Oziel Irongukré Canela, liderança, professor e antropólogo indígena do povo autodenominado Memortumré-Canela (mais conhecidos como Ramkokamekrá-Canela),¹ povo Timbira Oriental do Tronco Macro-Jê, cuja

¹ Optamos por utilizar o nome *Memortumré-Canela* para nos referirmos a esse grupo étnico, ainda que seja mais comum na literatura científica o nome *Ramkokamekrá-Canela*. A questão da grafia é complexa, pois há variantes para ambos os nomes – *Memortumré* e *Ramkokamekrá* –, assim como para a própria palavra *Canela*, que também é escrita com “K”, como no nome oficial da Terra Indígena, e pode aparecer tanto antes quanto depois de *Memortumré*. Preferimos a grafia *Canela* com “C” por ser mais popular entre os membros do grupo, que assim a utilizam em seus sobrenomes.

Aldeia Escalvado está localizada na Terra Indígena Kanela-Memortumré, no município de Fernando Falcão, no Maranhão. A entrevista com Oziel teve como tema suas inspirações e os diálogos relacionados à criação de um museu de caráter comunitário na Aldeia Escalvado, entendido por ele como um espaço para salvaguardar, principalmente, objetos cerimoniais e outros registros da memória e da cultura de seu povo, além de suas impressões relativas à visita ao Museu Indígena Kanindé, no Ceará.

Museus, colonialismo e agência indígena

Problematizar a potencialidade dos aparelhos culturais, como os museus, e as experiências de apropriação por parte de povos indígenas, nos leva a refletir sobre a formação histórica dessas instituições. Tradicionalmente concebidos como espaços apartados da vida social, uma espécie de “antítese da vida”, onde ela não se desenrola nem se experiencia plenamente, os museus carregam, em sua origem, uma razão colonialista que representou, muitas vezes, a subjugação dos povos indígenas e de suas formas próprias de organizar as realidades. Para Mignolo (2018), diante dos novos paradigmas emergentes nas ciências sociais, teóricos latino-americanos passaram a criticar o tradicionalismo da Museologia. Propuseram, em seu lugar, formas de representatividade capazes de trazer o antagônico ontológico, ou seja, trazer formas de existência e conhecimento historicamente marginalizadas para o centro da relação com o museu. Essas propostas se inscrevem em uma desobediência estética e epistêmica que abriu caminhos conceituais para uma indigenização dos museus, entendida por Roca (2015) a partir do protagonismo e da autonomia indígena.

A trajetória histórica de povos indígenas que buscaram, no museu, uma forma de resistência e autoafirmação contrasta com suas primeiras aproximações a essa instituição de pesquisa e memória, cuja expansão acompanhava a dos colonizadores europeus. A formação de coleções museais na Europa moderna está ligada à ideia de uma apreensão totalizante do mundo, especialmente no século XVIII, no contexto do prestígio das ciências natu-

rais. Como afirma Pratt (1999, p. 63), “a sistematização da natureza é um projeto europeu de novo tipo, uma nova forma daquilo que se poderia chamar de consciência planetária entre europeus”. Nesse mesmo sentido, Vergès (2020) argumenta que os colonizadores europeus se apropriaram de saberes, técnicas, estéticas e filosofias dos povos que subjugavam, ao mesmo tempo que lhes negavam o reconhecimento enquanto civilizações.

Quando tratamos dos povos indígenas, é preciso considerar que a própria categoria “indígena” abarca múltiplos grupos inseridos dentro de um sistema social total forjado pelo colonialismo. A ideia de “índio” nasce com o contato entre os habitantes da América pré-colonial e os colonizadores europeus, no contexto do domínio colonial. Como afirma Bonfil Batalla (1992, p. 115), “la invención del indio, o lo que es lo mismo, la implantación del régimen colonial en América, significa un rompimiento total con el pasado precolombino”. A categoria indígena, portanto, não é apenas uma construção analítica, mas também uma identidade relacional, forjada na resistência ao colonialismo, que articula alianças de caráter tático e estratégico. Dessas alianças emergem organizações políticas compostas por múltiplas vinculações étnicas.

O senso comum tende a imaginar a violência da conquista colonial como uma força absoluta, à qual os povos indígenas teriam se submetido de maneira passiva. No entanto, como aponta Balandier (1993), ao estudar os processos de colonização, é fundamental que o pesquisador leve em conta não apenas os fatores externos, mas também os elementos internos das sociedades colonizadas, suas formas particulares de resistência, adaptação e reorganização social. Uma análise adequada dessas sociedades exige atenção às suas condições específicas, pois elas não apenas expressam recusas e adaptações diante da dominação, como também revelam condutas inovadoras surgidas da destruição de modelos sociais tradicionais. Além disso, evidenciam os “pontos de resistência” dessas sociedades, suas estruturas persistentes e comportamentos fundamentais (Balandier, 1993, p. 109).

Assim, para Quijano (2004), ao considerarmos as agências dos povos indígenas, o movimento social indígena pode ser enten-

dido como uma crise contínua do poder colonial desde seu estabelecimento nas Américas. A própria categoria “indígena” é uma abstração que não designa um grupo homogêneo, mas, sim, uma identidade relacional, forjada com base em experiências históricas comuns no contexto colonial. Essa identificação, embora diversa, assume hoje um papel político ativo ao reivindicar bandeiras de resistência e autoafirmação.

Nesse sentido, a emergência dos museus indígenas representa uma forma de ressignificação e fortalecimento da identidade étnica em contextos marcados por desigualdades. Tais museus se utilizam das coleções e objetos não como fetiches coloniais, mas como instrumentos para narrar, por si próprios, as histórias dos povos indígenas. Conforme o texto de James Clifford (2016, p. 3-4) intitulado “Museus como zonas de contato”:

Tal como foram apresentados no porão do museu, as histórias e mitos “tradicionais” sugeridos pelos velhos objetos do clã acabaram se revelando histórias específicas com significados presentes as lutas políticas concretas. [...] Ficou claro que do ponto de vista dos velhos tlingit os objetos colecionados não eram essencialmente “arte”. Eles se referiam aos objetos como “registro”, “história” e “lei”, inseparáveis dos mitos e histórias, expressando lições de moral atuais com força política atual.

O fortalecimento de abordagens teórico-metodológicas sobre os museus indígenas, enquanto objeto de estudo antropológico, tem se beneficiado da perspectiva comparativa diante do aumento de análises baseadas em observações empíricas disponíveis na literatura científica. Athias e Gomes (2018) destacam a existência de diversas formas de apropriação da noção de museu pelos povos indígenas, seja como instituição ou como processo, em que a identidade étnica se afirma através das coleções formadas e dos processos museológicos desenvolvidos, envolvendo também a educação intercultural.

Para Gonçalves (2007, p. 109), “todo e qualquer grupo humano exerce algum tipo de atividade de colecionamento de objetos cujo efeito é demarcar um domínio subjetivo em oposição a um determinado outro”. Essa atividade constitui patrimônio, mas os sentidos de acumulação e retenção desses objetos não são universais,

devem ser compreendidos comparativamente, conforme os significados atribuídos por cada cultura. Como afirma Siqueira (2020, p. 148), “é na rememoração que vincula tal patrimônio e a experiência presente de cada sujeito integrante de uma coletividade, tecendo e habitando diálogos, que os bens culturais [...] adquirem sentido para a produção de um modo de vida pleno e inclusivo”.

A formação de coleções de objetos e o registro de mitos e ritos orais impõem desafios éticos, epistemológicos e estéticos. Como propõe Clifford (2016), a experiência comunicativa dos museus indígenas deve romper com práticas tradicionais de colecionamento e exposição, marcadas por uma lógica conservacionista vinculada à tradição ocidental. Para aprofundar essa ruptura, as contribuições de Bruno Latour e Philippe Descola oferecem ferramentas analíticas valiosas. Latour (2012), com a Teoria Ator-Rede, desafia a separação moderna entre sujeito e objeto, natureza e cultura, argumentando que humanos e não humanos participam conjuntamente de redes complexas que cocriam o mundo. Aplicada aos museus indígenas, essa perspectiva nos permite pensá-los não como meros expositores de artefatos passivos, mas como espaços de interconexão em que objetos, espíritos e humanos interagem. Os objetos expostos deixam de ser fragmentos do passado para se tornarem agentes que carregam relações participativas dentro das cosmologias indígenas.

Complementarmente, Descola (2015), em seu texto “Além de natureza e cultura”, analisa diferentes modos ontológicos (naturalismo, animismo, totemismo, analogismo) que estruturam a percepção da realidade. Ao contrastar o naturalismo ocidental, que separa natureza e cultura, com outras ontologias, o autor fornece uma base para interpretar artefatos indígenas para além das categorias ocidentais, reconhecendo suas agências e relações intrínsecas com o cosmos. Incorporar essas ontologias nos museus, portanto, significa promover uma diversidade epistêmica radical, apresentando os objetos em suas relações vivas com a natureza e o espiritual, e não como itens meramente materiais ou funcionais (Descola, 2015).

Essa abordagem ressoa com o conceito de “cosmopolíticas da memória”, proposto por Gomes (2019b) para descrever como os

museus indígenas se tornam arenas onde o passado é ressignificado e a memória é construída a partir das interações e cosmologias locais. As narrativas que emergem nesses espaços permitem expressar e recriar sentidos de historicidade, filtrando e rearticulando a própria noção de museu a partir de uma perspectiva indígena. O museu, assim, não é uma necessidade intrínseca, mas uma ferramenta potente quando apropriada e reconfigurada. Como salienta Velthem (2018), cada povo indígena possui um conjunto patrimonial próprio, e a documentação dessas manifestações, especialmente as imateriais, é urgente.

Ao conectar essas reflexões com a noção de “justiça epistêmica”, de Vergès (2020), que reivindica igualdade entre saberes e contesta a hierarquia imposta pelo Ocidente, percebemos o potencial transformador dos museus indígenas. Eles podem se tornar espaços cruciais de afirmação, desde que incorporem as vozes e saberes dos próprios povos, contrapondo a *violência ontológica* colonial (Ferdinand, 2022) e permitindo que os indígenas exerçam seu protagonismo na construção de mundos múltiplos.

Segundo Gomes (2019b), os povos indígenas do estado de Oaxaca, no México, foram pioneiros nas experiências de criação de museus autônomos em comunidades indígenas. No Brasil, destacam-se o Museu Magüta, criado em 1991 em Benjamin Constant, no estado do Amazonas, organizado pelos indígenas Tikuna sob a liderança de Nino Fernandes no contexto da luta pela demarcação de suas terras, e o Museu Kanindé, fundado em 1995 em Aratuba, no Ceará, considerado o segundo museu indígena do país, fruto do colecionismo do Cacique Sotero como parte da luta por afirmação étnica de seu povo. Essas experiências, que constituem uma verdadeira “*museologia indígena*”, repercutiram não apenas nas diversas análises teóricas subsequentes, mas também na prática, culminando na criação da Rede Indígena de Memória e Museologia Social, em 2014. A Rede atua no compartilhamento de saberes e na promoção de iniciativas museológicas ancoradas nas mobilizações étnicas e políticas dos povos indígenas.

Assim, nos últimos anos, foram organizados diversos encontros e fóruns que reuniram representantes dessas experiências museais,

além de lideranças de outras comunidades, como é o caso de Vladimir Rodiporo Canela, que participou do II Fórum de Museus Indígenas, realizado em 2016 na Terra Indígena Kapinawá, em Pernambuco, representando o povo Memortumré-Canela (Gomes, 2019a).

Nesse contexto, percebe-se que os Canela mantêm uma relação particular com seu patrimônio cultural material e imaterial, o que levou o sobrinho de Vladimir, Oziel Irongukrê Canela, a pesquisar os objetos tradicionais durante o seu mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (UFG), culminando na dissertação: *Os valores culturais Memortumré-Canela por meio de objetos sagrados e enfeites rituais* (2021). Com base nesse trabalho, nota-se uma importante consciência de historicidade de seu povo por parte do pesquisador, que descreve como a forma de fabricação dos objetos usados nos rituais *amji kin* tem se transformado com a incorporação de elementos do mundo dos *kupen* (brancos).

Segundo Lígia Soares e Ricardo Canela (2018, p. 315), os Canela denominam *amji kin* os grandes rituais, palavra Jê que significa “alegre-se”, e, para cada *amji kin*, eles “possuem histórias que contam a saga de algum *mehí* (indígena) que trouxe de outros lugares todo o repertório músico-ritual, assim como as pinturas corporais utilizadas nesses *amji kin* e que são atualmente executados por esses povos”. A hipótese de um museu indígena enquanto instrumento de valorização da cultura dos Canela deve ser dimensionada com base no engajamento com a construção coletiva da memória social étnica e da perspectiva das agências dos objetos do *amji kin*.

Cury (2020) aponta a questão do sagrado, afirmando a espiritualidade indígena nas vivências individuais e coletivas como um caráter indissociável para a compreensão de sua cosmologia e sistema social. Nesse sentido, o fazer museológico não estaria simplesmente assentado na gestão do patrimônio cultural (material ou imaterial) e no trato técnico dos acervos, mas, sim, na dinâmica das matrizes culturais que se relacionam com o ambiente e com a sociedade, empoderando os sujeitos históricos.

Um museu para o povo Memortumré-Canela: entrevista com Oziel Irongukrê Canela

O povo Memortumré-Canela (os que sempre estiveram aqui) habita a Aldeia Escalvado desde 1968, após ter se deslocado de seu território original em decorrência dos violentos desdobramentos do movimento messiânico de 1963,² que os levou a deixar suas terras para evitar mais mortes e conflitos. A Terra Indígena Kanela-Memortumré, atualmente ocupada e demarcada em 1982, corresponde a apenas 10% do tamanho do território original (Barros, 2018). Oziel Canela (2021), em suas considerações sobre os objetos e tradições de seu povo, ressalta a importância de sua pesquisa não apenas para os membros da Aldeia, mas também para a conscientização dos *kupen*.

Diante de um contexto que reivindica o protagonismo e a autonomia dos povos indígenas na construção de práticas museológicas ao problematizar a trajetória dos museus e suas formas de apropriação e tradução por esses povos, bem como afirmando o desenvolvimento de museologias indígenas, foi realizada uma entrevista com a liderança Oziel Irongukrê Canela – professor e diretor do Centro de Educação Escolar Indígena Raimundo Roberto Kapêrtyc Canela, na Aldeia Escalvado. Oziel é formado em Licenciatura Intercultural e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG), onde desenvolveu pesquisa sobre os objetos cerimoniais de sua comunidade, e tem uma grande trajetória de participação no movimento indígena.

Dessa forma, ao ser perguntado, em outubro de 2024, sobre a importância de um museu comunitário indígena para o povo Memortumré-Canela, ele respondeu:

² Sobre o movimento messiânico Canela de 1963, sintetiza Cunha (1987, p. 15): “Trata-se de um movimento surgido das profecias de uma mulher casada, Kee-kwei, que teria recebido revelações provenientes da filha que carregava no ventre, e que anunciava a subversão das relações de poder: a 15 de maio de 1963, o dia em que a criança nasceria, os índios apossar-se-iam das cidades, pilotariam os aviões e os ônibus, enquanto os “civilizados” seriam enxotados para a floresta”.

Seria muito melhor ter um museu aqui na Aldeia, na Aldeia do Povo Canela, do município de Fernando Falcão. Desde que era criança, desde minha infância, eu venho acompanhando os rituais, as festividades que são de grande importância porque tem muitos objetos, as peças que são das cerimônias, elas são como se fossem objetos que não têm valor. Aí ali começou a ideia de fazer um museu na Aldeia Canela, porque nós queremos guardar, nós queremos registrar, nós queremos fazer tudo que for de importante na nossa cultura, e [para isso] a gente precisa guardar esses objetos. Para quê? Por que que a gente quer fazer isso? Porque os filhos e netos que virão podem conhecer porque já perdemos muitas pessoas importantes, grandes pessoas, grandes cantores, já foram embora, já se foram, e eu não sei onde foram parar o maracá, as bordunas e outros objetos que são usados nas grandes cerimônias. Então, pensando nisso, eu pensei em fazer museu na aldeia, né, então, desde 2015, por aí, eu vinha pensando de guardar estes objetos, fazer um acervo, um acervo Canela, no qual iremos guardar muitas coisas, tipo, miçangas, objetos de grande valor como maracá, como bordunas, como grande cocar, e até mesmo como a gente está pensando, de fazer uma festividade, né, uma festividade que tem máscara, então essas máscaras precisam ser guardadas. Não é somente isso, não, tem muitas coisas que nós usamos em grandes festas e, às vezes, elas acabam ficando para comercializar esses objetos que nós usamos na cerimônia. Então, às vezes, nós vendemos, outros parentes depois que termina a cerimônia levam para comercializar fora lá no museu, lá nas lojas que compram artesanato, lojas que compram essas peças para revender, então a proposta seria isso, seria ter o museu, porque a gente está numa cerimônia hoje e amanhã depois termina a cerimônia e para onde vão esses objetos? Então a gente está precisando muito de ter um museu.

A criação desse museu na Aldeia Escalvado, idealizada por Oziel Irongukrê Canela, reflete uma preocupação com o destino dos objetos cerimoniais, que possuem agências próprias, e expressa o anseio de salvaguardá-los para as próximas gerações. Isso revela o desejo de preservar a cultura e a memória do povo Memortumré-Canela. A subjetividade de Oziel foi constituída a com base em sua participação na vida comunitária, nos rituais e festividades que desempenham papel central na cultura dessa comunidade indígena. Em sua fala, destaca a necessidade de guardar e registrar os objetos cerimoniais, entendendo sua preservação como fundamental para a memória coletiva, a identidade étnica e a continuidade das tradições

culturais. Assim, o museu seria também uma forma de afirmação cultural e resistência às pressões homogeneizantes externas.

Mais que a perda de objetos em si, Oziel se preocupa especialmente com a perda de pessoas, cujos objetos, como maracás, bordunas e máscaras utilizados nas cerimônias, seriam como extensões de sua personalidade, de acordo com a cosmovisão dos Canelas. Daí, portanto, a importância, e até urgência, em se criar um espaço de preservação desses objetos agentes, entre outros objetos e registros de memória. Por isso, expressa em suas falas a preocupação com a comercialização de objetos após as cerimônias e com a perda de significado decorrente. Como em Ferdinand (2022), esse contexto remete à discussão sobre violência ontológica e negação da alteridade, em que a cultura indígena é colecionada e tratada como item comercial, desprovido de suas características simbólicas que lhe deram origem.

A ideia de Oziel de um museu na aldeia para uso da comunidade se contextualiza a partir do que Vergès (2020) trata como justiça epistêmica. A concepção de um museu é também uma contranarrativa à sociedade envolvente e dominante, que por vezes marginaliza os povos indígenas. Trata-se de uma forma de contar a própria história e de se apropriar de espaços de gestão da memória e da história, entendida com base em seus registros materiais e informacionais, alinhando-se à perspectiva de que os museus indígenas podem ser espaços de expressão e valorização da história e das culturas indígenas, possibilitando autorrepresentações nesses espaços.

Dessa forma, um museu indígena entre os Canela deve compreender as manifestações dos ritos e mitos por meio de objetos e formas midiáticas que expressam seu universo cosmológico, buscando descrever suas práticas de colecionamento, categorias nativas e regimes de memória, e contribuindo para a constituição de uma epistemologia e antropologia dos museus indígenas (Gomes, 2014, 2019b), além de situar questões relativas à reflexividade, coautoria e validação do conhecimento antropológico produzido.

Segue a entrevista com Oziel Canela:

Eu pensei muito na viagem que fiz lá em Aratuba, no Ceará, no museu dos parentes Kanindé. É um museu pequeno, mas vale a pena ter. É muito bonito aquele museu, bem organizadinho, e tem muitas coisas que representam esse povo, tem muita coisa que representa as culturas. Porque ali eu achei importante ter um museu aqui na Aldeia, no qual iremos guardar muitas coisas como acabei de falar nesse momento porque nós temos muitos objetos, nós temos muitas coisas que são usadas em cerimônias e depois vira comercialização. Então eu venho pensando nisso e até pensei uma vez que chegará um tempo que teremos um museu e nada vai sair da aldeia, porque o museu vai segurar. E eu estou aqui na esperança de ter um dia um grande museu que pode estar representando minha cultura, que pode estar recebendo os turistas, que pode estar recebendo estudantes, que pode estar recebendo meio mundo de visitantes, né. Por exemplo, o Seu Francisquinho está vivo, um sábio que a gente tem aqui na Aldeia e amanhã ou depois não sei quando Deus leva ele, e o maracá que ele vem cantando desde seus vinte anos de idade, ele tem um maracá muito antigo e minha preocupação é guardar e não deixar esse maracá ir embora. Por isso que eu quero ter um museu, quero que a Aldeia, o Povo Canela, consiga ter pelo menos um museu, um espaço para guardar esses materiais, né? Isso é muito importante. Na minha dissertação eu pensei nisso porque eu quero assim de forma boa explicar, botar para os nossos parentes e para os não indígenas conhecerem a importância dos objetos, dos enfeites corporais, das pinturas corporais e descrevi na minha dissertação as peças que têm continuidade, que tem seu valor. É muito bonito ver e muito bonito ler quando você lê, quando a pessoa lê a escrita sobre objetos indígenas. Tem uns que se consideram como objetos que são sagrados, tem objetos que são da cerimônia, tem objetos que são de presentes, que é de honra, isso é importante. Quando eu fui visitar o museu lá dos Kanindé, no momento que eu entrei no museu, eu me senti assim, me senti arrepiado porque olhando para o museu indígena onde você vê a riqueza, a identidade do povo, fiquei assim, cara, eu vou ter que procurar isso, eu vou ter que amadurecer minha conversa sobre o museu na minha aldeia Memortumré-Canela. Porque em todos os rituais que nós realizamos, que nós vínhamos fazendo, depois os objetos eles saem para fora e a gente não sabe onde vai parar esses objetos. Então é um assunto muito importante para estar pensando. É isso que eu vinha pensando, eu quero que isso aconteça porque muitos parentes aqui da minha aldeia eles ficam perguntando, será que é difícil você conseguir um museu, um espaço para a gente guardar nossos objetos cerimoniais, nossas peças que são de grande importância. E eu fico pensando: é, vamos dar um jeito, vamos procurar. Porque é difícil encontrar uma coisa, mas a

gente busca, a gente procura pessoas para ajudar, e a gente consegue e isso que estou fazendo, né, porque tem espaço, tem casas que eu já vinha pensando que um dia pode se reformar para ser um espaço de museu, um espaço para o museu. E a gente vai correr atrás dessa oportunidade de criar o museu aqui dentro da aldeia. É interessante também falar dos professores que tiveram curso na educação intercultural, eles são professores que têm ligação muito importante com a escola, porque eles pegam aulas na universidade com professores doutores, com professores mestres, então eles têm esse conhecimento para fazer uma ligação com o museu, com a escola, é um assunto muito bom, e isso que tenho a dizer.

Na entrevista com Oziel, podemos citar também a importância que atribui à escola e à educação intercultural, destacando uma conexão entre sua visão de museu e o papel da escola e dos professores na valorização da identidade cultural das novas gerações. Um museu integrado aos processos educativos, promovendo trocas de saberes para além da sala de aula. Essa perspectiva também se fortaleceu com a visita ao pioneiro Museu dos Kanindé, em Aratuba, no Ceará, que lhe serviu de inspiração para pensar a relação entre museu, escola e comunidade, com profundo impacto em sua forma de conceber o museu na Aldeia Escalvado. Oziel descreve um sentimento de arrepio ao visitar o museu dos Kanindé, o que nos leva a compreender o poder dos museus em evocar emoções e memórias, reforçando a ideia de que os museus não são depósitos estáticos, mas espaços dinâmicos de novos saberes, onde histórias e identidades são ressignificadas.

Essa visita ao Museu Kanindé foi realizada no fim de 2022, ocasião em que tivemos a oportunidade de acompanhá-lo, juntamente com Acácio Ramon Kryt Canela e o sociólogo Willians Rodrigues. Ela deu força à persistência de Oziel em buscar a criação de um museu para os Canelas. A viagem resultou em importantes aprendizados e trocas culturais, além de inspirações metodológi-

cas³ para uma *museologia indígena*, que conta com ampla literatura científica disponível, especialmente nos trabalhos do antropólogo Alexandre Gomes e de Suzenilson Kanindé, atualmente doutorando em História.

Considerando o contexto em que, alguns meses antes da viagem a Aratuba, havia sido instalada uma biblioteca comunitária na Aldeia Escalvado, a própria denominação do espaço como museu, biblioteca, centro cultural, centro de memória etc., ou ainda a possibilidade de nomeá-lo em língua Jê, também foram ventiladas. Atualmente, as lideranças da Aldeia discutem se o acervo de livros da biblioteca deve integrar o museu ou ser incorporado à escola intercultural. A criação dessa biblioteca comunitária, que ajudou a impulsionar a mobilização pelo museu, é relatada no artigo “*Experiências de implementação de bibliotecas indígenas no Maranhão por meio de projetos de extensão do IFMA Campus Barra do Corda*” (Curvo; Santos, 2024).

O projeto de um museu para o povo Memortumré-Canela tem amadurecido, levando à criação da Associação Cultural Indígena Canela em 2024, com fins de organização comunitária e participação em editais de financiamento para projetos culturais, educativos e outros temas de interesse local. O estatuto da Associação Canela foi inspirado no de uma associação do povo Krahô (também parte do grupo Timbira) e contou, em sua elaboração, com o apoio voluntário do advogado popular Paulo Mariante.

A partir da Associação Canela, foi possível a aprovação de um projeto junto ao Ministério dos Povos Indígenas voltado à retomada da Festa das Máscaras, prática não realizada há muitas décadas, um anseio inserido no contexto da revitalização da memória social

³ Por meio da etnografia realizada sobre o processo museológico do Museu Kanindé, no Ceará, Gomes e Vieira Neto (2018) exploram o instrumento metodológico do inventário participativo, entendido como uma documentação museográfica, como fichas de registro, marcação e tombamento de objetos, resultante do trabalho coletivo de seleção, descrição e salvaguarda de objetos representativos dos anseios patrimoniais e ritualísticos da comunidade. Trata-se de um colecionamento regido pela cosmopolítica da memória manifestada no museu indígena, que envolveu intensamente a participação comunitária, tendo como vetor importante as dinâmicas com a escola. A função educativa dos museus e o diálogo com instituições de ensino são destacados por Isabela Curvo (2018), enfatizando a importância da comunicação museal.

desse povo e da produção de registros. Também em 2024, por ocasião da inauguração da nova escola no dia dos povos indígenas, reuniu-se temporariamente uma exposição de objetos cerimoniais, artesanatos e fotografias para receber as autoridades governamentais que visitariam a aldeia.⁴

Assim, a proposta vai além da preservação de objetos, entendendo o museu, e toda a mobilização étnica em torno dessa construção, como uma ferramenta em prol da afirmação da identidade cultural e do resgate de tradições. Oziel idealiza, portanto, um espaço que não apenas guarde objetos, mas que também sirva como local de encontro, diálogo, produção de novos conhecimentos e educação para as novas gerações. Imagina, ainda, o museu como um espaço capaz de atrair pessoas de fora, como turistas, estudantes e pesquisadores, trazendo recursos e visibilidade para a comunidade Canela e, assim, promover um intercâmbio cultural que valorize os saberes e a ancestralidade dos povos indígenas.

A criação de um museu para a comunidade Canela pode ter um impacto significativo não apenas para o seu povo, mas também para o campo antropológico. Internamente, podemos levantar a hipótese de um museu que represente um espaço de afirmação cultural, onde história e tradições são valorizadas, fortalecendo a identidade coletiva e o interesse dos mais jovens em preservar seu legado cultural e manter o orgulho de suas raízes. Um museu como centro de aprendizado, conectando ancestralidades e registrando práticas culturais. Já no campo antropológico, o museu pode contribuir para o aprofundamento teórico, oferecendo mais um importante exemplo de práticas de ação museológica entre povos indígenas, considerando também o relevante volume de trabalhos antropológicos já realizados junto a essa comunidade, iniciado pelo etnólogo autodidata Curt Unkel Nimuendajú, conhecido como Curt Côhgajpô entre os Canelas, que publicou em 1946 a obra de referência *The Eastern Timbira*.

Além disso, a experiência de Oziel e sua idealização de museu pode inspirar outras comunidades indígenas próximas, como o

⁴ Disponível no vídeo: Museu da Associação Cultural Indígena Canela – Aldeia Escalvado, Fernando Falcão-MA. Acesso: https://www.youtube.com/watch?v=uTXg7orA_4I.

povo Apanyekrá-Canela, da Terra Indígena Porquinhos, também um povo Timbira Oriental e vizinho aos Memortumré-Canela. Há que se considerar o potencial de multiplicação dos museus indígenas a partir do movimento social ao qual um Museu dos Canela pode muito contribuir, assim como o Museu Indígena Kanindé atuou em sua região e no Brasil de forma geral.

Dessa forma, a proposta de um museu na Aldeia Escalvado se destaca não apenas enquanto projeto cultural, mas como um ato de viés político e epistemológico, buscando valorizar as tradições indígenas frente a um cenário de contínua desigualdade histórica e exclusão social, em que os direitos indígenas conquistados por meio de ampla mobilização seguem ameaçados, e as comunidades, perseguidas pelos interesses econômicos em seus territórios. O museu, assim, se coloca não apenas como um espaço de colecionismo, mas como um símbolo de resistência social.

Conclusão

Neste trabalho buscou-se apresentar como um Museu Indígena Memortumré-Canela representa uma oportunidade de impulsionar práticas que atuem na preservação da memória social dessa comunidade e na reafirmação da identidade enquanto povo indígena. Procurando problematizar os museus indígenas, evidenciamos que estes não se tratam de depósitos de acúmulos materiais, mas de espaços que promovem as tradições e a ancestralidade dos povos a partir de diálogos interculturais em que o protagonismo e autonomia dos povos indígenas que os manejam possam proporcionar práticas de justiça epistêmica em sua diversidade ontológica. Trata-se, portanto, de um espaço dinâmico de resistência cultural e construção de novos saberes frente a um cenário de fortes pressões econômicas e políticas e de uma agenda de homogeneização cultural. Assim a iniciativa de Oziel apoiada pelo seu povo amadurece tendo potencial para um grande impacto em sua comunidade e representando um desafio ao campo antropológico quanto a teorização e apoio a essas iniciativas indígenas.

A proposta de um museu comunitário para o povo Memortumré-Canela, tal como idealizado por Oziel Irongukrê Canela, transcende a preservação material: é um ato político de resistência cultural. Ao ressignificar o museu com base em ontologias indígenas, em que objetos são agentes, a iniciativa desafia paradigmas ocidentais de musealização e afirma um projeto educativo intercultural. Como demonstrado, a inspiração no Museu Kanindé revela o potencial desses espaços para articular memória, território e lutas por reconhecimento. Futuros estudos poderão acompanhar os impactos concretos dessa mobilização, seja na revitalização de cerimônias, seja na formação de redes de museus indígenas no Maranhão. Por fim, o caso dos Canela reforça a urgência de políticas públicas que apoiem museologias indígenas como modelos epistêmicos.

Referências

- ATHIAS, Renato; GOMES, Alexandre. Introdução. In: ATHIAS, Renato; GOMES, Alexandre (org.). *Coleções etnográficas, museus indígenas e processos museológicos*. Recife: UFPE, 2018.
- BALANDIER, Georges. A noção de situação colonial. *Cadernos de Campos*, São Paulo, n. 3, 1993.
- BARROS, Nilvânia Mirelly Amorim de. *Os Canela-Ramkokamekrá: sentido e mediação através das relações com seus objetos*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32465>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- BONFIL BATALLA, Guillermo. El concepto de índio en América: una categoría de la situación colonial. In: BONFIL BATALLA, Guillermo. *Identidade y pluralismo cultural en América Latina*. San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1992.
- CANELA, Oziel Irongukrê. *Museu da Associação Cultural Indígena Canela – Aldeia Escalvado, Fernando Falcão-MA*. [S. l.: s. n.], 9 dez. 2024. 1 vídeo (34 s). Publicado pelo canal Luiz Felipe Sousa Curvo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UTXg7orA_4I. Acesso em: 26 maio 2025.
- CANELA, Oziel Irongukrê. *Os valores culturais Memörtumre-Kanela por meio de objetos sagrados e enfeites rituais*. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- CLIFFORD, James. Museus como zonas de contato. *Periódico Permanente*, n. 6, fev. 2016.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Lógica do mito e da ação: o movimento messiânico Canela de 1963. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CURVO, Isabela Sousa. *A espetacularização no uso da informação em espaços museológicos: uma análise no Museu Imperial de Petrópolis*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CURVO, Luiz Felipe Sousa; SANTOS, Maria Luiza Lucas dos. Experiências de implementação de bibliotecas indígenas no Maranhão por meio de projetos de extensão do IFMA Campus Barra do Corda. *Revista Taka'a*, v. 2, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/13160>.

CURY, Marília Xavier. A espiritualidade indígena na pauta da descolonização da museologia: a ressacralização do museu e as curadorias [inusitadas]. In: MAGALHÃES, Fernando et al. (coord.). *Museologia e patrimônio*. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, 2020. v. 3.

DESCOLA, Philippe. Além de natureza e cultura. *Tessituras*, v. 3, n. 1, 2015.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu, 2022.

GOMES, Alexandre Oliveira. Por uma antropologia dos museus indígenas: práticas de colecionamento, categorias nativas e regimes de memória. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014. *Anais [...]*. Disponível em: [https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402880959_ARQUIVO_Textocompleto-Porumaantropologiadosemuseusindigenas\(GT62\).pdf](https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402880959_ARQUIVO_Textocompleto-Porumaantropologiadosemuseusindigenas(GT62).pdf). Acesso em: 6 jan. 2023.

GOMES, Alexandre Oliveira; Vieira Neto, João Paulo. Projeto historiando: inventários participativos e musealização do patrimônio

cultural em comunidades indígenas no Ceará. *Revistas Musas*, n. 8, 2018.

GOMES, Alexandre Oliveira. *Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo antropológico*. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Museologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/36806>. Acesso em: 13 set. 2023.

GOMES, Alexandre Oliveira. Por uma epistemologia dos museus indígenas: temas e problemas. *Revista Antropológicas*, ano 23, v. 30, n. 2, p. 5-37. 2019.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O espírito e a matéria: o patrimônio enquanto categoria de pensamento. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2007.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Bauru: Edusc; Salvador: EdUFBA, 2012.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em: 13 set. 2023.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

QUIJANO, Anibal. O “movimento indígena” e as questões pendentes na América Latina. *Política Externa*, São Paulo, v. 12, n. 4, 2004.

ROCA, Andrea. Acerca dos processos de indigenização dos museus: uma aná-

lise comparativa. *Mana*, v. 21, n. 1, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n1p123>. Acesso em: 6 fev. 2023.

SIQUEIRA, Juliana Maria. Corazonar uma Museologia onde caibam muitas museologias: a interculturalização do campo como projeto decolonial. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). *Introdução à Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófana de Humanidades e Tecnologias, 2020.

SOARES, Lígia Raquel Rodrigues; Canela, Ricardo Kutokre. O processo de formação de cantores Ràmkkamkrá-Canela. *Articulando e Construindo o Saber*, Goiânia, v. 3, n. 1, 2018.

VELTHEM, Lúcia Van. Prefácio. In: ATHIAS, Renato; GOMES, Alexandre (org.). *Coleções etnográficas, museus indígenas e processos museológicos*. Recife: UFPE, 2018.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.

Luiz Felipe Sousa Curvo | Bacharel em Biblioteconomia pela UnB (2014), mestre em Educação pela Unemat (2020), doutorando em Antropologia Social pela UFRGS (2023). É bibliotecário da FURG, campus Santo Antônio da Patrulha. Colaborador da Associação Cultural Indígena Canela e da Associação Comunitária Indígena Tep-Hot Kanela. E-mail: luiz.curvo88@gmail.com. | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0476-5663>. | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5551617465527047>.

Maria Luíza Lucas dos Santos | Bacharel em Biblioteconomia pela UnB (2014), mestre em Educação pela Unemat (2020), doutoranda em Educação pela UFRGS (2022). Estudante de graduação do curso Letras – Português e Inglês pela Universidade Senac (2023). Colaboradora da Associação Cultural Indígena Canela. E-mail: marialuiza1992s@gmail.com. | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5770-7646>. | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7444589451865974>.

<< [Voltar ao início](#)